

MOACIR AMÂNCIO

Quando fechada a porta, o retângulo
em concordância com algumas curvas.
os quadros por excesso fazem vista.
Alheios na parede, os insetos
são as asas num quase circular
de rápida intenção toda fazendo
o não retorno. Barco não, nenhum.

*

Do quadro, do horizonte a linha curva,
o desenho se expande feito luz –
os contornos revelam mais escuros
desertos ao redor da flor, os olhos.
Cada peça, mobília, os enfeites,
marcos do mapa os rumos, formações,
ovos, outro retângulo, os prismas
dispostos em sentidos inclinados.
Eles, do mármore, madeira e tinta,
metais em móvel condição, o gelo –
de insetos o cardume sai dos olhos
e dá forma ao cristal, osso da luz.

*

O desenho da sala, um espaço
móvel. Medida em que algo, se aparece
desabrocha a figura sem contorno
nela e idem fora dela, no arredor
e interiores, a fruta pelo avesso
a partir dessa casca, barco à solta
comparável à chama sem a vela
e à mão liberta de qualquer vontade,
luz à deriva, fonte nem chegada.

DO LIVRO INÉDITO *LUZ ACESA*

Moacir Amâncio é jornalista e doutor em Letras em Língua Hebraica pela USP, com a tese: Dois palhaços e uma alcaçofra (Nanquim, 2000). Entre seus principais títulos de poesia estão Contar a romã, O olho do canário, Do objeto útil.